



ENTRE EVA E MARIA: O DISCIPLINAMENTO DO CORPO FEMININO NA IMPRENSA CATÓLICA BRASILEIRA DOS ANOS 1950

Karina Estela COSTA¹;

1. INTRODUÇÃO

A relação entre religião, educação e representações de gênero constitui um campo fundamental para compreender como se construíram, historicamente, discursos voltados à normatização dos corpos e comportamentos femininos. No Brasil, a Igreja Católica exerceu papel decisivo nesse processo, atuando não apenas por meio das instituições educativas, mas também pela imprensa confessional católica, que se consolidou como veículo de evangelização e de formação moral. Nas décadas de 1940 e 1950, publicações como a revista *A Família Cristã* assumiram a função de orientar mulheres e famílias segundo princípios de pureza, obediência e maternidade, difundindo modelos de feminilidade alinhados à doutrina católica e aos valores morais vigentes na sociedade brasileira. Inserido nesse contexto, o presente estudo propõe uma reflexão sobre como o discurso religioso, veiculado por esse impresso, contribuiu para o disciplinamento simbólico do corpo feminino e para a atualização dos arquétipos de Eva e Maria no imaginário da sociedade como um todo, reafirmando valores que ultrapassavam o âmbito religioso e moldavam a vida cotidiana.

A doutrina católica, estruturada em torno do conceito de pecado original, teve papel decisivo na construção simbólica da mulher como sujeito moralmente frágil e propenso à queda. A figura de Eva tornou-se um arquétipo de culpa e tentação, a partir do qual o feminino passou a ser associado à desordem, ao desejo e à ameaça à pureza. Assim, a mulher foi convertida em objeto de vigilância constante, justificada pela necessidade de conter sua suposta natureza sedutora e pecadora. Como observa Araújo (2022, p. 46), “a mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, aquela que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca.” Essa interpretação do mito de Eva consolidou a ideia de que o corpo feminino representava perigo moral e exigia disciplina e repressão permanentes.

Em contraposição a Eva, o arquétipo de Maria — a Virgem e Mãe — foi elevado ao ideal supremo de virtude, castidade e obediência. O modelo de santidade feminina proposto

¹Mestre em Bioquímica. Professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM). Email karinacosta@iftm.edu.br





pela Igreja exigia da mulher a renúncia dos desejos e a devoção absoluta à maternidade e à submissão. Assim, Eva e Maria formam um par simbólico que define os limites do aceitável: de um lado, a mulher culpada e carnal; de outro, a mulher pura e espiritual. Como destaca Ary (2002, p. 78), essa oposição não elimina a tensão simbólica entre culpa e pureza, mas a transforma em uma “dialética compensatória”: diante da rebeldia e da “sujeira” de Eva, as mulheres — vistas como herdeiras de Maria, semi-divinizada — são tomadas como modelos de submissão, pureza e sofrimento e, por isso, aparentemente revalorizadas, assumindo simbolicamente o papel de “salvadoras” da sociedade em razão de sua maternidade idealizada. Essa leitura reforça que o cristianismo, ao exaltar Maria, não rompe com a lógica patriarcal, mas a reinscreve sob o discurso da virtude e do sacrifício, reafirmando o lugar da mulher como guardiã da fé e da moral familiar, porém sempre sob tutela masculina e eclesiástica.

De modo complementar, Buitoni (2009, p. 24), analisando a imprensa feminina, observa que a busca por um padrão idealizado de beleza e feminilidade tende a retirar a mulher de seu contexto histórico, aprisionando-a na ideia de um “eterno feminino”, caracterizado por virtudes como docilidade, pureza e maternidade. Essa concepção imobiliza a mulher em um modelo simbólico atemporal, que reforça a naturalização de papéis de gênero e a subordinação feminina sob o discurso da virtude — elemento que também atravessa os discursos religiosos e educativos do período.

Pensando nessa relação de oposição entre Eva e Maria, que definiu o papel social da mulher por muito tempo, este trabalho tem como objetivo analisar os textos catequéticos “As principais verdades da religião cristã”, publicados nas edições de Fevereiro e Abril de 1951 da revista A Família Cristã, buscando compreender de que modo o discurso religioso reforçou o disciplinamento simbólico do corpo feminino e atualizou os arquétipos de Eva e Maria no imaginário social, evidenciando a permanência de práticas discursivas voltadas ao controle moral e espiritual das mulheres.

A relevância deste estudo reside em compreender como a imprensa confessional católica contribuiu para perpetuar valores e representações que moldaram o imaginário feminino no Brasil do pós-guerra, momento em que as tensões entre tradição e modernidade reconfiguraram o papel social das mulheres.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo integra uma investigação sobre as representações femininas na imprensa católica brasileira da década de 1950. O recorte analisa dois textos catequéticos intitulados “As principais verdades da religião cristã”, publicadas nas edições de fevereiro e abril de 1951 da





revista *A Família Cristã*, compreendendo-as como expressões do discurso religioso voltado à formação moral, à evangelização familiar e ao disciplinamento simbólico do corpo feminino.

A análise foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter histórico e documental, fundamentada no exame de impressos religiosos católicos do período. As matérias foram localizadas em exemplares físicos da revista, preservados em acervo particular, e transcritas integralmente para fins de estudo.

O critério de seleção baseia-se em seu conteúdo catequético e moral, que expressa de modo exemplar o projeto pedagógico-religioso da revista, voltado à formação de valores e comportamentos cristãos, especialmente no tocante à pureza, ao pecado e à virtude.

A análise concentrou-se na interpretação dos enunciados discursivos e das estratégias de moralização presentes nos textos, considerando os arquétipos femininos de Eva e Maria como referências simbólicas centrais do imaginário religioso e social. Buscou-se compreender de que modo os textos catequéticos, dirigidos às famílias e crianças, operam como instrumento de evangelização, disciplinamento e construção de modelos de feminilidade.

Os textos (Figura 1 e 2) foram transcritos mantendo-se a ortografia e a formatação originais, a fim de preservar o valor histórico e documental do material.

Texto 1: “As principais verdades da religião cristã” (fevereiro de 1951)

Figura 1 – A principais verdades da religião cristã



Fonte: *A Família Cristã*. Acervo particular (2025).

Transcrição da figura 1:

71) QUE É PECADO?





O pecado é uma ofensa feita a Deus, desobedecendo a sua lei “quem me ama – disse Jesus – observa os meus mandamentos.” (João, IV, 23).

Quem não ama a Jesus transgredir os mandamentos, desobedece ao senhor e comete ... sabem o que? ... comete pecado. Que coisa feia é o pecado!

Conheci um menino muito caprichoso. Um dia, tomou da bolsa da mãe uma bela folha colorida. Era a nota das provisões. A mãe pediu-lhe a folha mas ele gritando e batendo os pés recusou-se a dá-la. A uma nova injunção da mãe rasgou-a antes de ceder.

A mesma coisa faz o menino que desobedece a lei de Deus. Deus escreveu no coração, em uma bela página branca a sua lei e quem a transgredir, rasga esta página, falta de respeito ao senhor e O ofende; faz chorar o anjo da guarda e faz rir o demônio que alonga suas garras para pegá-lo e conduzi-lo ao inferno.

Caros meninos, fugir do pecado como se foge da serpente que se arrasta entre as pedras.

PRÁTICA: Antes de fazer qualquer ação, pesem um instante: é pecado isso? Façam um propósito de um santo jovem: a morte mas não pecados.

72) QUANTAS ESPÉCIES HÁ DE PECADO?

Há duas espécies de pecado: o original e o atual.

73) QUAL É O PECADO ORIGINAL?

O pecado original é o pecado que a humanidade cometeu em Adão seu chefe e que dele todo homem contrae por natural descendência.

Vocês sabem, não é verdade, que representa esta figura? Representa a tentação e o pecado de Adão e Eva.

Estes foram nossos primeiros pais. Foram criados pelo senhor e postos no paraíso terrestre, onde viviam plenamente felizes. Mas um dia, o diabo invejoso, transformado em serpente, tentou Eva dizendo: Comei deste fruto! Vos tornarei semelhantes a Deus! Eva, seduzida, colheu o fruto, comeu e levou também para Adão. Assim, pensando de tornarem-se grande como senhor, desobedeceram e cometeram o pecado, e sendo o primeiro, chamou-o *original*.

Em castigo do pecado Adão e Eva perderam todos os dons da graça, de beleza e de felicidade que Deus havia dado. Também nós que somos seus filhos, nascemos com o pecado original.

Há, portanto, duas espécies de pecado:

- 1) O pecado original, que nós não cometemos
- 2) O pecado atual que nós mesmos cometemos.

PRÁTICA: Atenção! Há também ao seu lado uma serpente que os quer enganar, fazendo cometer pecado... (AS PRINCIPAIS VERDADES DA RELIGIÃO CRISTÃ, p. 5, fev. 1951).

Texto 2: “As principais verdades da religião cristã” (abril de 1951)





Figura 2 - A principais verdades da religião cristã



Fonte: *A Família Cristã*. Acervo particular da autora (2025).

Transcrição da figura 2:

74) QUEM FOI PRESERVADO DO PECADO ORIGINAL?

Entre os filhos de Adão, somente Maria Santíssima foi preservada do pecado original.

És toda bela, toda pura, ó Maria e em ti não há nem sequer a mancha do pecado original.

Observai uma corrente. É formada por anéis soldados uns aos outros; se um só se desligar a corrente se rompe.

Pois bem, o pecado original é uma grande corrente que liga todos os homens. Um só anel dessa cadeia desligou-se porque somente uma criatura nasceu sem o pecado original.

É Maria Santíssima, a Mãe de Jesus. Ela sempre pisou a cabeça da serpente infernal, e sua alma, mais cândida do que a neve, mais resplandecente do que o sol, nunca fora manchada pelo pecado.

Assim como Deus desde de toda a eternidade a destinara para ser a mãe de seu Divino Filho, a preservou da mancha do pecado desde o primeiro momento de sua existência e acumulou-a de dons e graças.

A Virgem Imaculada é a vossa mãe celeste. Amai-a com o coração de filhos. Pedi-lhe que conserve em vossas almas o candor de seu manto imaculado.

PRÁTICA: Nas tentações, invoca tua mãe do céu a fim de que te preserve do pecado.

75) Como se cancela o pecado original?

O pecado original cancela-se com o batismo.

Todos nascemos com a mancha do pecado original. Mas não se pode lavar? Sim, Jesus para isso instituiu o sacramento do batismo.





O sacerdote quando batiza uma criança, lhe deita água sobre a cabeça, dizendo: “Eu te batizo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.” Naquele momento entra na alma a graça santificante que consiste na amizade com Deus.

Uma criança quando nasce começa a fazer parte da família do pai e da mãe; assim também, com o batismo, todos começamos a fazer parte da grande família cristã que é a Igreja; tornamo-nos filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo e recebemos o caráter de cristãos.

Vês este ancião? Era um potente ministro de Candace, rainha da Etiópia. A sua virtude mereceu-lhe a graça de tornar-se filho de Deus. Na verdade, enquanto voltava de Jerusalém, o Senhor lhe fez encontrar São Filipe, o qual subindo no coche o instruiu na fé cristã. Quando chegaram a um lugar em que havia água, o ministro disse: “Eis aqui a água, que me impede de ser batizado?”

S. Filipe o batizou e assim, purificado de toda a mancha do pecado, ele voltou Cristão à sua cidade.

PRÁTICA: No batismo, por meio dos padrinhos, renunciamos ao demônio para seguir Jesus. Recorda-te disso quando o demônio ou os maus companheiros te tentam ao mal (AS PRINCIPAIS VERDADES DA RELIGIÃO CRISTÃ, p. 3, abr. 1951).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo analisa as representações da mulher na revista *A Família Cristã* durante a década de 1950, compreendendo-a como um veículo de evangelização e disciplinamento moral que, ao difundir valores cristãos, contribuiu para a construção simbólica do corpo feminino. Os textos analisados evidenciam a função educativa da revista como instrumento de orientação religiosa e controle simbólico, atuando na formação de comportamentos e na difusão de modelos de feminilidade associados à pureza, à obediência e à maternidade. O formato em perguntas e respostas reforça o caráter catequético e prescritivo dos textos, voltados à instrução moral dos leitores e à consolidação de uma pedagogia da fé e da submissão.

Na edição de fevereiro de 1951, o tema do pecado original associa a desobediência de Eva à perda da graça divina, reafirmando o imaginário religioso que faz da mulher o símbolo da culpa e da vigilância moral. Já em abril de 1951, a figura de Maria Santíssima é exaltada como ideal de pureza e obediência, em contraposição à transgressão de Eva. Essa oposição entre culpa e pureza, entre carne e espírito, estrutura uma pedagogia moral que define os limites do comportamento feminino e reafirma a mulher como guardadora da fé e da moral familiar. As mensagens dirigidas às famílias, especialmente às mulheres, funcionam como dispositivos de formação da consciência, integrando o projeto pedagógico-religioso da imprensa católica do período. O corpo feminino é apresentado como território simbólico de disputa entre o pecado e a graça, devendo ser controlado e purificado por meio da fé e da obediência. Assim, reafirma-





se o discurso de que a salvação da mulher — e a do lar — depende da renúncia, da pureza, da devoção e da maternidade sagrada.

Nesse contexto, ao analisarmos as representações do corpo feminino situadas em meio a constantes lutas simbólicas, podemos recorrer às observações de Chartier (1991, p. 183-184), que compreende as representações sociais como resultantes de relações de força: grupos dominantes impõem classificações e visões de mundo, enquanto outros as aceitam, negociam ou resistem. As disputas simbólicas em torno dessas representações não apenas expressam hierarquias, mas também produzem identidades, definindo como cada grupo é percebido e reconhecido. A revista, ao difundir modelos de conduta feminina, atua precisamente nesse campo de estratégias simbólicas, reforçando o lugar da mulher cristã como sujeito moral, dócil e devoto.

À luz dessas reflexões, o ideal de mulher difundido pela revista aproxima-se do mito do “eterno feminino”, discutido por Buitoni (2009, p. 24), a partir de sua análise da imprensa feminina, como um modelo simbólico que imobiliza a mulher em virtudes atemporais, como pureza, docilidade e maternidade. Ao apresentar Maria como exemplo absoluto de santidade e Eva como emblema da culpa, a publicação reatualiza esse arquétipo, transformando valores religiosos e morais em atributos naturais do feminino. Essa representação, sustentada por uma linguagem catequética e pedagógica, atua como uma forma de educação informal do corpo e da consciência, reforçando a ideia de que a salvação e a moral dependem da submissão e da renúncia.

Inserido nesse imaginário cristão, que consolidou a associação entre feminilidade, culpa e submissão moral (ARAÚJO, 2022, p. 46), e marcado por uma tensão simbólica entre culpa e pureza — transformada em uma dialética compensatória que aparentemente revaloriza a mulher no papel de “salvadora” da sociedade por meio da maternidade idealizada (ARY, 2002, p. 78) —, configura-se a representação de um corpo feminino que precisa ser constantemente controlado e purificado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos textos de fevereiro e abril de 1951 revela como a revista *A Família Cristã* atuou como um veículo de evangelização e, simultaneamente, como um instrumento de formação moral voltado à manutenção da ordem simbólica católica. Ao articular as figuras de Eva e Maria como polos opostos — o pecado e a pureza, a queda e a redenção —, o periódico reafirma uma pedagogia da obediência e da submissão feminina, transpondo para o cotidiano





doméstico os valores religiosos que legitimavam o controle do corpo e da conduta das mulheres.

Desse modo, A Família Cristã não apenas difundia conteúdos doutrinários, mas também reproduzia e atualizava modelos de feminilidade ancorados na virtude, na castidade e na maternidade sagrada. Como observa Buitoni (2009, p. 25), “a atualidade e a imprensa feminina não mantêm laços muito estreitos. Mesmo quando tratam da realidade, a indeterminação temporal é muito grande (...) isso acentua seu desligamento com o mundo real e seu caráter mais ideológico.” Assim, a representação da mulher na imprensa não deve ser entendida como simples reflexo da realidade, mas como parte de um processo discursivo e simbólico que naturaliza significados e fixa o feminino em estereótipos. Essa estratégia discursiva insere-se em um contexto histórico no qual a imprensa confessional católica atuava como mediadora entre fé e sociedade, reafirmando o papel da mulher como guardiã da moral e responsável pela salvação espiritual da família. Os resultados parciais desta análise evidenciam que o periódico contribuiu para consolidar um imaginário feminino disciplinado e moralizado, no qual o ideal de mulher cristã era construído pela oposição simbólica entre Eva e Maria.

Ao compreender a imprensa católica como espaço de produção e circulação de representações, este estudo destaca sua relevância como fonte histórica e pedagógica para a investigação das relações entre religião, educação e gênero. Essa perspectiva dialoga com o entendimento de Chartier (1990, p. 23), segundo o qual as representações são “configurações intelectuais múltiplas através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade”. Desse modo, o trabalho contribui para o campo da História da Educação ao demonstrar como os discursos religiosos veiculados pela imprensa católica atuaram como instrumentos de educação moral informal, influenciando a formação espiritual e social das mulheres. Em perspectiva mais ampla, evidencia-se a relevância social do estudo ao permitir compreender como certas normas de gênero e moralidade, produzidas e legitimadas em contextos religiosos, ainda ecoam nas representações contemporâneas sobre o papel da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS -

AS PRINCIPAIS VERDADES DA RELIGIÃO CRISTÃ. **A Família Cristã**, São Paulo: Editora Paulinas, ano XVII, n. 2, p. 5, fev. 1951.

AS PRINCIPAIS VERDADES DA RELIGIÃO CRISTÃ. **A Família Cristã**, São Paulo: Editora Paulinas, ano XVIII, n. 4, p. 3, abr. 1951.





ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: **DEL PRIORE, M.** (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2022. 6ª reimpressão.

ARY, Z. **Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira.** 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Summus, 2009.

CHARTIER, R. **O mundo como representação.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

